



## A Comemoração do Fato Histórico no Jornal<sup>1</sup>

Lidiane Santos de Lima PINHEIRO<sup>2</sup>

Universidade do Estado da Bahia e Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA.

### Resumo

O presente é supervalorizado no jornalismo contemporâneo, pois este visa cobrir acontecimentos atuais e relevantes para o público. Porém, a imprensa não deixa de atribuir relevância e atualidade a determinados eventos do passado. Ainda assim, pouco se estuda tal atribuição de valor a fatos históricos pela mídia. Visando investigar as ocasiões em que o fato histórico é celebrado pelo jornal, estudaremos um caso em particular: o resgate da Guerra de Canudos por *O Estado de S. Paulo* ao longo de um século. Para isso, pesquisaremos as matérias deste veículo sobre o tema, de 1896 a 2009, e nos fundamentaremos em estudos teóricos sobre as funções da comemoração e o uso do passado no jornalismo.

**Palavras-Chave:** Canudos; comemoração; fato histórico; jornal.

No regime de urgência que hoje caracteriza o jornal moderno, o sentido que se quer atribuir ao fato é o de atualidade. A ênfase do presente na narrativa produz um efeito de presença fundamental para a enunciação jornalística, na medida em que faz ver e crer no fato e na co-presença do jornalista e do leitor. Ou, como explica Mouillaud (2002, p. 176), “cada número do jornal cria um presente. O ato de leitura e o referente da informação, supostamente, pertencem a um mesmo momento do tempo: o que eu leio é o que se espera esteja ocorrendo, no momento em que leio”.

Contudo, o jornalismo contemporâneo não deixa de atribuir relevância e atualidade a eventos do passado considerados importantes para a sociedade. Mesmo porque, como explica Nelson Traquina (2005), o fator tempo pode ser considerado um valor-notícia se ponderarmos como um acontecimento já publicado pode servir como gancho (“*new peg*”: “cabide”) para outros acontecimentos a ele ligados. Algo importante aconteceu no passado e o “próprio fator tempo é utilizado como gancho para justificar falar de novo sobre o assunto” (TRAQUINA, 2005, p. 81).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso (DT1), XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Lidiane S. de L. Pinheiro é professora assistente do Curso de Comunicação Social da Universidade do Estado da Bahia (UNEB); doutoranda em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), sob orientação do prof. Giovandro Marcus Ferreira; estágio doutoral na Université Paris X (França), sob co-orientação do prof. Dr. Jean Mouchon; bolsista PAC – UNEB; mestra em Literatura e Diversidade Cultural pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS - Bahia). E-mail: lidicom@ig.com.br



A informação inscrita numa “atualidade que se renova pelo acréscimo de pelo menos um elemento novo” (CHARAUDEAU, 2006, p. 134) deve, entretanto, portar uma carga de inesperado para evitar a saturação. O passado só se torna presente em ocasiões específicas, conforme Charaudeau: quando há uma comemoração ou a celebração de um acontecimento do passado “cujo valor simbólico é preciso reviver”.

Esse fenômeno de rememoração da história na imprensa tem se tornado muito comum, mas é ainda pouco estudado e, por isso, por ele enveredamos nossas pesquisas. Aqui, visamos comprovar que o fato histórico tem sido celebrado pelo jornal e investigar as ocasiões em que isso acontece, estudando um caso em particular: a Guerra de Canudos<sup>3</sup>, resgatada por *O Estado de S. Paulo*.

O presente artigo é parte de uma pesquisa mais ampla, ainda em desenvolvimento, cujo objetivo é analisar o discurso do jornal *O Estado de S. Paulo* sobre a Guerra de Canudos ao longo de mais de cem anos. A primeira parte deste trabalho constitui-se na coleta do material que, posteriormente, será analisado. Os resultados parciais da quantificação de matérias sobre o tema e a discussão das hipóteses sobre a importância dada ao acontecimento pelo jornal serão aqui resumidos e apresentados.

Qual a relevância dada ao acontecimento após o fim da guerra? Canudos foi lembrada pelo jornalismo moderno em que ocasiões? Há uma intensificação de publicações sobre o tema durante o centenário do fim da guerra, se comparado com o cinquentenário ou outros momentos comemorativos? Nossa hipótese é que a Guerra de Canudos foi resgatada pelo jornal em momentos diferentes, mas principalmente nos anos comemorativos, e que, a partir dos anos 90, essa lembrança é intensificada, por estarmos vivendo um particular momento de ritualização do passado.

A escolha do tema Canudos foi motivada pela importância que esta guerra teve não apenas para a história do país (foi um dos maiores acontecimentos da imprensa brasileira), como também para sua cultura (pelo grande número de publicações e produções acadêmicas e artísticas relacionadas ao tema ainda na contemporaneidade). Quanto a *O Estado de S. Paulo*, optamos por este jornal, pois, há mais de cem anos, ele marcou e foi marcado pela guerra no sertão baiano, ao enviar o escritor Euclides da Cunha como correspondente especial para Canudos. Cinco anos mais tarde, Euclides

---

<sup>3</sup> A campanha de Canudos (1896-1897) foi uma das conseqüências da confusa instauração da República Brasileira. Contra o lugarejo monarquista, segunda maior cidade da Bahia na época, e seu líder Antonio Conselheiro, foram enviadas quatro expedições militares. No início de outubro de 1897, terminou a resistência sertaneja – vencida também pela fome, pelo cansaço e pela morte do líder Antônio Conselheiro.



publicou *Os sertões* – reconhecido como o livro de Canudos e considerado, por muitos, “o livro mais importante de nossa cultura” (CONY, 2001).

Para a formação da nossa amostragem, trabalharemos com *O Estado de S. Paulo* de 1896 (ano do início da campanha contra Canudos) até 2009 (centenário da morte de Euclides da Cunha), detendo-nos, particularmente, nas edições de anos comemorativas (de dez em dez anos a partir do fim da guerra – outubro de 1897). Assim, poderemos comparar, pela quantidade de matérias publicadas sobre o tema a cada decênio, a relevância a ele dada pelo jornal nas datas comemorativas ao longo de mais de um século. Para ampliar tal amostragem e mensurar o valor do tema em outros momentos, pesquisaremos ainda datas aleatórias e períodos do aniversário de publicação de *Os sertões* (1902) e do falecimento de Euclides da Cunha (1909).

Para a coleta, conseguimos, junto ao próprio jornal, uma lista das edições que contém textos sobre o tema, de 1995 a 2003, e tivemos acesso aos mesmos no Arquivo Público do Estado de São Paulo – onde pudemos também ampliar tal listagem. Uma vez identificados os anos, meses e / ou dias de interesse para a pesquisa, investigamos as edições selecionadas página por página, à procura de títulos sobre Canudos, *Os sertões* ou Euclides da Cunha. Quando encontrados, suas referências eram anotadas e as matérias reproduzidas, para posterior análise.

Antes, contudo, de expormos mais detalhadamente o nosso corpus, revisaremos o debate teórico sobre as funções da comemoração e a referência ao passado no jornalismo, que nos auxiliarão na compreensão dos resultados alcançados.

## **O Presentismo e o Memorialismo nos Jornais**

A eterna busca por novidades, no jornalismo moderno, está relacionada a uma hiper-valorização do presente, que influencia a percepção do tempo nas sociedades contemporâneas. Entretanto, Hartog (2003, p. 28) observa que o presentismo começou a mostrar falhas quando o presente “ficou muito ansioso por ver-se como já passado, como história. Considere-se, por exemplo, o modo pelo qual a mídia tem que produzir quase diariamente eventos ‘históricos’”. Além disso, outra “fenda” do foco no presente apareceu nos anos setenta, com a busca identitária por raízes, pela memória refletida nos patrimônios: museus, monumentos etc. “Rememorar, não esquecer é apresentado como um dever pessoal dirigido a cada um de nós” (HARTOG, 2003, p. 31). Como consequência, o presente tornou-se ansioso por comemorações. E, com a preocupação



pela conservação, o futuro foi reintroduzido como perspectiva: “O passado está a bater à porta, o futuro à janela e o presente descobre que não dispõe de piso para ficar de pé” (HARTOG, 2003, p. 30). Isso aponta, segundo o autor, o dever de restaurar mais modestamente uma forma de comunicação entre presente, passado e futuro, sem que nenhum deles apresente-se como farol.

Temos que admitir, portanto, a necessidade de considerar outros tempos constituídos na narrativa jornalística, além do tempo da emergência da ocorrência.

O acontecimento *faz aparecer* a dimensão do passado porque obriga o sujeito a buscar explicações, a considerar as condições que possibilitaram a emergência daquele fenômeno, talvez a incluir esses novos conhecimentos sobre um mundo diverso e que até então não lhe parecia possível, na ordem de seu próprio mundo cotidiano (BENETTI, 2010, p. 150).

Conseqüências, novos acontecimentos e momentos de recordação atualizam o acontecimento, dão nova forma ao acontecido e extrapolam sua urgência. Dessa forma, a notícia pode trazer à tona novamente um acontecimento que, caindo no ostracismo, havia ficado à margem da agenda midiática.

Acreditamos que, a fim de ir além dos fatos cotidianos e limitados temporal e espacialmente, o jornalismo tem usado o passado para falar do presente e do futuro. Afinal, um olhar sobre o passado pode confirmar ou determinar certas leituras do presente. A comemoração de um evento histórico, por exemplo, resgata no seu interior uma tripla temporalidade – não mais sob a urgência da atualidade, mas sob a latência do passado que traz implicações para o presente e para o futuro.

Analisando a cobertura comemorativa de um fato na mídia (a chacina da Candelária), Ana Paula Goulart Ribeiro e Danielle Ramos Brasiliense explicam:

Ao contrário do que se costuma afirmar, o jornalismo faz não só do presente, mas também do passado, as referências fundamentais da sua experiência testemunhal do mundo. É na reconstrução do fato da atualidade, sempre fugaz, e também nos seus rituais de rememoração subsequentes, que o jornalismo dá uma dimensão memorável à experiência humana e sentido a si mesmo como sujeito social / institucional.

(...) A mídia aciona a lembrança do acontecimento a partir do seu aniversário, tomando para si o papel de promotora da memória, num ato simbólico que reveste o passado de novos gestos e significados (RIBEIRO; BRASILIENSE, 2007, p. 223, 226).



Os jornais lembram e esquecem fatos históricos para produzirem sentidos memoráveis do presente; hierarquizam os acontecimentos como mais ou menos importantes para a compreensão da suposta realidade, e assim enquadram a memória.

Também Marialva Barbosa (2008, p. 88) demonstra que as comemorações, no regime de historicidade vivido na contemporaneidade, “cumpram o papel de antecipar o futuro e intensificar o presente, tomando o passado como ícone reverenciado por possuir a singularidade de deter o tempo”. Comemorar grandes datas nacionais é, portanto, sintetizar um passado que se quer memorável, “elegendo-se aspectos desse pretérito que precisam ser atualizados e relegando outros à categoria de esquecidos” (BARBOSA, 2008, p. 96).

Em outro texto, a autora explica que as comemorações são estratégicas para uma reconstrução do passado e uma expansão da memória na contemporaneidade. Escrevendo sobre eventos comemorativos como os 500 anos do descobrimento do Brasil ou os Jogos PanAmericanos, ela traz reflexões que podem ser facilmente vinculadas às datas comemorativas na imprensa:

A comemoração é construída como acontecimento, restabelecendo a lógica narrativa na qual o passado pode ser utilizado concomitantemente ao presente, moldando uma realidade diferente. Mas, na presentificação do passado, os meios de comunicação apresentam também uma expectativa de futuro. (...) Entender a lógica da construção comemorativa como processo de re-instauração de uma dada memória nacional, lugar de coexistência das memórias coletivas atuais e reservatório daquilo que resta das antigas memórias comemorativas, é compreender as razões que levam ao estabelecimento de marcos singulares (BARBOSA, 2006, p.18).

Ao dar visibilidade às datas comemorativas, o presente é conectado ao passado, este é atualizado e uma memória nacional é construída. O passado é desenvolvido discursivamente como fato incomum, excepcional, mas não é ele que efetivamente aparece. Um certo pitoresco, com valor performativo, é mostrado como se fosse o verdadeiro passado, explica Barbosa (2006, p. 19): “A função dessa evocação do passado nas comemorações não é redescobri-lo, mas construí-lo e, neste sentido, inventá-lo”. O momento memorial, assim, intensifica o presente e antecipa o futuro. Ao fazê-lo, a mídia se coloca como “promotora da identidade nacional e local do significado pedagógico do gesto comemorativo” (BARBOSA, 2006, p. 20).

Contudo, Sá (2006) adverte que a memória e a teatralização da comemoração não são usadas apenas com finalidades de afirmação da Nação, da República ou do



Estado, visando o encorajamento de sentimentos identitários e de unidade nacional; mas também pode ganhar significados particulares para grupos específicos, como partidos, sindicatos, movimentos sociais etc. Vejamos, por exemplo, a apropriação que o Movimento Sem Terra fez de Canudos, conforme título da matéria *online* do *Estadão*, de 23 de maio de 2003: “Rainha diz que meta do MST para o Pontal é um novo Canudos” (Disponível em: <http://www.estadao.com.br/arquivo/nacional/2003/not20030523p35388.htm>. Acesso em: 13 jan.2011).

Enfim, a comemoração é um tipo de ritual que mostra o que aconteceu no passado, mas que tem ainda hoje um sentido forte. Ela reproduz sequências já conhecidas do acontecimento e chama o público para completar seus movimentos. É, portanto, rica em símbolos e significações.

Confiante talvez na sua eficácia, a sociedade tem se ocupado incessantemente das comemorações. Anualmente, dezenas delas povoam a mídia. São aniversários de conquistas, de guerras, da morte de pessoas célebres etc. A fim de comprovar a existência de tal cultura de comemorações e entender em que momentos ela se torna mais freqüente na moderna imprensa brasileira, exporemos a seguir os resultados iniciais da nossa pesquisa sobre a rememoração da Guerra de Canudos por *O Estado de S. Paulo* ao longo de mais de um século.

### **Canudos e *O Estado de S. Paulo***

No Arquivo Público do Estado de São Paulo, as edições de 1896 a 1977 do jornal *O Estado de S. Paulo* encontram-se microfilmadas e as demais (de 1987 a 2009) têm a versão em papel disponibilizada para a pesquisa. Contudo, tanto o material em microfilme quanto o impresso não estão completos e algumas edições não foram encontradas.

Nossa amostragem foi formada pelas edições com maior probabilidade de publicações sobre o tema:

- a) A ocasião da guerra: novembro de 1896 a dezembro de 1897;
- b) A ocasião da publicação de *Os sertões*: primeira quinzena de dezembro de 1902;
- c) A ocasião da morte de Euclides da Cunha: agosto de 1909 (a partir do dia 15, data do homicídio);



d) Os períodos comemorativos:

- a. Primeiros sete dias de outubro (considerando que a data do fim da guerra foi 05/10/1897), de dez em dez anos, a partir de 1907 até 1997 (sendo que, em 1947, pesquisei os meses de setembro e outubro inteiros);
  - b. Datas de aniversário de um ano dos 3 acontecimentos (a guerra, a publicação do livro e o falecimento);
  - c. Dias, semanas ou meses dos decênios, cinquentenários e centenários do início da guerra, da publicação do livro e da morte de Euclides.
- e) Algumas datas mais ou menos aleatórias foram também escolhidas para a investigação (a partir de outros motivos, como o cinquentenário da fundação de Canudos etc.).

Não encontramos qualquer destaque para o que acontecia em Canudos até 30 de novembro de 1896, quando o jornal publica na página 2 um texto intitulado “Antônio Conselheiro”. No dia 05 de dezembro aparece o segundo artigo com este título, mas agora na primeira página. Neste ano, o título também aparecerá nos dias 08 e 22 de dezembro.

No primeiro semestre de 1897, o assunto só não ganhará título na capa do mês de junho. Também de 29 de julho a 26 de outubro de 1897, a coluna “Canudos” freqüentou a primeira página do jornal, agora diariamente, com raras interrupções: 06 de setembro e 09 de outubro – o que ratifica a relevância dada ao acontecimento pela imprensa brasileira da época. Vale registrar que outros jornais também enviaram correspondentes especiais à região e diariamente publicavam notícias sobre o conflito. Os que não o fizeram, geralmente reproduziam as reportagens daqueles veículos.

Os telégrafos davam notícias dos fatos diários; os artigos, publicados com dias e até meses de atraso, narravam o acontecimento. Por um ou pelo outro, após o fim da guerra, algumas novas informações ainda foram publicadas sobre o tema. No dia 29 de outubro *O Estado de S. Paulo* publica o artigo “O batalhão paulista” e, depois, o tema aparecerá apenas nos dias 05 de novembro (quando a coluna “Canudos” traz transcrição de *O país*) e 18 de dezembro. Esta é a última notícia de primeira página sobre o acontecimento em 1897. Depois, só em 19 de janeiro de 1898.

Ao todo foram 61 telegramas enviados por Euclides da Cunha (publicados na coluna “Canudos”, um ou dois dias depois de enviados) e 34 artigos escritos por ele, de março a outubro de 1897. A maioria das matérias tinha o mesmo título-assunto,



“Canudos”, seguido por um subtítulo: “Diário de uma expedição”. Além dos textos assinados por Euclides, o tema apareceu em colunas ou notas também com títulos fixos – como, aliás, era costume na época: “Antonio Conselheiro”, “Pela República”, “O combate de Canudos” ou variações semelhantes. O título-assunto é apenas um índice, uma classificação que auxilia o leitor na identificação do assunto; não acrescenta informações sobre o evento e é intemporal. Mas, acima de tudo, caracteriza um tema de importância para o jornal, um paradigma – como o foi Canudos, no fim do século XIX. Contudo, depois de terminada a guerra, a imprensa silenciou sobre o tema e quase nada publicou sobre o destino dos prisioneiros, a prática da degola etc.

No dia 02 dezembro de 1902, data da publicação de *Os sertões*, nenhum artigo foi encontrado no jornal sobre o assunto. No dia 05, em primeira página, o título: “Uma história dos sertões e da campanha de Canudos” – transcrição do texto de J. Veríssimo publicado no *Correio da Manhã* sobre o livro.

Seis anos e meio depois, na primeira página do jornal de 16 de agosto de 1909, estampa-se o título “Euclides da Cunha”, seguido pelo enunciado: “Nunca uma notícia nos pareceu tão inverossímil como o do assassinato do Euclides da Cunha (...)”. É dada grande relevância ao homicídio pelo jornal e o tema é abordado ainda na segunda página dos dias 16, 17 (páginas 2 e 4) e 18 do mesmo mês. O nome do escritor é sempre lembrado por suas contribuições ao jornal durante a campanha de Canudos.

Depois disso, o acontecimento ficou muito tempo fora do jornal. Um ano exato após a guerra (5/10/1897), nenhuma matéria foi publicada sobre Canudos. Idem para o aniversário da publicação de *Os sertões* (02/12/1903) e da morte de Euclides (15/08/1910). Também em 05 de outubro de 1907 (dez anos do dia reconhecido como o do fim da guerra), nada sobre Canudos. O completo silêncio sobre o tema segue-se nos anos de 1917, 1927, 1937, 1947, 1957, 1967 e 1977. As edições de outubro de 1987 não estavam disponíveis para pesquisa.

A primeira hipótese que formulamos, ao nos surpreendermos com total ausência do tema nessas que seriam as datas comemorativas do fim da guerra, é que, na obsessão pelo factual, o jornal moderno passou a ser excessivamente presentista e, por isso, não celebrava o passado. Porém, observamos alguns exemplos de cinquentenários, centenários ou mesmo bicentenários da morte de pessoas célebres, ainda que quase não tenhamos encontrado nas edições pesquisadas comemorações de fatos históricos. Concluimos, portanto, que o jornal fazia referência ao passado, principalmente no que concerne a aniversários de nascimento e morte, porém a rememoração de





acontecimentos era rara em relação à quantidade de matérias comemorativas dos dias atuais.

Também não foram encontradas informações sobre os dez anos da publicação de *Os sertões* ou da morte do seu autor. Porém, no dia 16 de agosto de 1949 (não havia a edição do dia 15 no Arquivo Público), a página 4 centraliza uma matéria sobre a biografia do autor, intitulada “Euclides da Cunha”. Em 21 de setembro, toda a página 5 é dedicada a ele e o texto central, “Defendendo a memória de Euclides da Cunha”, sai em defesa das “escandalosas explorações públicas sobre pormenores da sua morte, pelos Diários Associados” – o que confirma a conclusão apresentada no parágrafo anterior sobre a rememoração da vida e morte de pessoas célebres no jornal de meados do século XX.

Para o historiador José Calasans (VILLA, 1998), a partir do cinquentenário da guerra, com a história oral (coleta de testemunhos de sobreviventes e revisão dos documentos sobre a guerra), surge uma nova leitura sobre Canudos, diferente da apresentada por Euclides da Cunha. Exatamente neste período, em meados de 1947, Ataliba Nogueira divulga os escritos de Antonio Conselheiro e isso contribui para tal releitura. Também será significativa a publicação na revista *O Cruzeiro* da reportagem sobre o roteiro de Euclides da Cunha na Bahia, com depoimentos dos sobreviventes (“O reduto de Antonio Conselheiro – Roteiro de Canudos”), por Odorico Tavares e fotos de Pierre Verger, em 19 de julho de 1947 – posteriormente, transformado no livro *Bahia Imagens da Terra e do Povo*. A história de Canudos, enfim, começava a ser revisada. Entretanto, verificando as edições de *O Estado de S. Paulo* de 19 de julho a 31 de outubro de 1947, observamos que não há repercussão sobre tal movimentação neste jornal.

Também nos cinquentenários da fundação de Canudos (06/1943), do início da guerra (11/1946) e da chegada de Euclides a Canudos (09/1947) não foi encontrada qualquer notícia sobre o tema. Em compensação, outros cinquentenários são lembrados pelo jornal, como o do nascimento de Rodrigues de Abreu (02/10/1947) e o da conferência de Haia (02/10/1957). Diante disso, poderíamos pensar que, em *O Estado de S. Paulo*, a campanha de Canudos passou de paradigma para tema sensível e talvez problemático. A guerra deixou de ser relevante e veio a ser lembrada apenas como apêndice da memória sobre a própria atuação do jornal, por sua célebre cobertura.

Ratificamos tal conclusão com a informação de que o cinquentenário da publicação de *Os sertões* foi comemorado pelo jornal – com a republicação das matérias



de Euclides da Cunha (*Diário de uma expedição*) em dezembro de 1952 e início de 1953 e a produção de uma reportagem de página inteira (p. 5) sobre o assunto, em 13 de dezembro de 1952 – bem como o da morte de Euclides. Em 15 de agosto de 1959, a maior matéria da página 7 (no centro da mesma e com uma grande foto de Euclides) lembra: “Comemora-se hoje o cinquentenário do Falecimento de Euclides da Cunha”. O assunto é explorado ainda nas páginas 1 a 3 do suplemento literário desta edição.

Nos anos noventa, Canudos volta às páginas do jornal e outro momento de memória do tema começa a ser revelado: o de comemorações do acontecido, que leva o jornal não apenas a lembrar o passado, mas a compará-lo insistentemente com o presente. Na sexta-feira 21 de maio de 1993, o jornal apresenta na capa a chamada “Domingo no Estádio: Canudos. Cenário e personagens de Canudos cem anos depois. Fotos de Walter Firmo mostram o sertão de Canudos cem anos depois da fundação do arraial” – fazendo referência à edição de domingo 23 de maio. Nesta, a capa traz a chamada “O centenário de Canudos” e a imagem da edição especial do Caderno Cultural intitulado “Canudos 100 anos depois” (páginas 1 a 8). No dia 18 de novembro de 1995, as páginas 14 e 15 do Caderno Cultural foram também dedicadas ao tema.

Em 1996, cem anos depois do início do conflito, mais matérias sobre ele. No Caderno Cultural Especial de domingo, 04 de agosto, 4 páginas (p. 1-3; 16) foram preenchidas pelo assunto: “Saga de Canudos ressurgiu da fé e das cinzas” (título principal – 04/08, Cad.2, p. 1). Eis outros títulos, distribuídos em outras edições: “Exército faz autocrítica sobre Canudos” (22/07, Cad.2, p. 16), “Refaça o roteiro de Euclides da Cunha” (03/09, Caderno Turismo / Viagem, p. 18), “Massacre de Canudos faz cem anos hoje” (21/11, Cad.2, p.4 e 5; com chamada na capa do caderno principal). Com a data, e após cem anos de revisões acadêmicas e artísticas do tema, ele volta a ganhar relevância para o jornal, que não apenas destaca seu ressurgimento, mas publica a autocrítica do exército e até transforma o roteiro do ex-correspondente em rota turística.

No ano do centenário do fim da guerra (1997), multiplicam-se os títulos, em mais de dez edições diferentes (sendo capa do Caderno 2 em 1º de abril e 05 de outubro – este último, com cinco páginas dedicadas ao tema): “Instituto festeja centenário de Canudos” (14/01, Cad.2, p. 2), “Sérgio Rezende finaliza ‘Guerra de Canudos’ (01/04, Cad.2, p. 1), “Canudos, o enigma que ninguém decifrou” (01/04, Cad.2, p. 6 e 7), “Atos culturais lembram cem anos de Canudos” (05/08, Cad.2, p. 2), “Há um Século, ‘Estado’ chegava a Canudos” (11/09, Caderno principal, p. 22), “Texto de Euclides narra



chegada a Canudos” (22/09, Caderno principal, p. 10), “Toque de Degolla! Bayonetadas caladas!” (26/09, Caderno principal, p. 12), “Caíram as torres da igreja de Canudos!” (27/09, Caderno principal, p. 15), “Cem anos de Canudos” (05/10, Cad.2, p. 1), “Conselheiro deve ser visto como patriarca sertanejo” (05/10, Cad.2, p. 2), “Livro de Benício é anterior ao de Euclides” (05/10, Cad.2, p. 4), “Obra joga luz sobre o maior genocídio do país” (05/10, Cad.2, p. 4), “Fim da ilusão Jacobina” (05/10, Cad.2, p. 16), “Livro recria cenário de Canudos em preto-e-branco” (06/10, “Conselheiro deve ser visto como patriarca sertanejo” (05/10, Cad.2, p. 3), etc. Comemora-se o centenário do fim da guerra, lembra-se da participação do próprio jornal, mas o fato histórico é também usado como gancho para novas notícias sobre produções culturais do presente.

A seca na região de Canudos a levou de volta ao Caderno 2 do *Estadão* em 25 de dezembro de 1999 (p. 8 e 9): “Seca traz à tona o arraial de Canudos” – matéria sobre o trabalho de arqueólogos no local. Já a edição de 23 de julho de 2000 estampa na capa: “PROFISSÃO: REPÓRTER. Diário de uma Expedição recupera os textos que Euclides da Cunha escreveu para o *Estado* ao cobrir a Guerra de Canudos. As reportagens estão na origem de *Os sertões*, clássico da literatura brasileira e um marco de seu jornalismo”. O tema aparece na capa do Caderno 2 e nas páginas 5 a 7. Reaparece em 3 (Cad. 2, p. 8) e 26 de junho de 2001 (Cad. 2, p. 3), com ênfase na obra euclidiana.

Em 2002, em comemoração ao centenário da publicação de *Os sertões*, o tema volta ao Caderno 2, nos dias 24/02 (p.6), 03/03 (p. 5), 31/03 (p. 5), 20/10 (p. 4) e 3/11 (p.11). Além dessas datas, ganha destaque nos dias 31 de julho e 1º de dezembro. No primeiro, em capa do Caderno principal, lê-se: “Um jornalista no coração das trevas. O *Estado* traz nesta edição caderno especial sobre os cem anos do clássico *Os sertões*, de Euclides da Cunha”. No Caderno Especial (8 páginas), sublinha-se o título: “O engenheiro que virou advogado dos sertanejos”. Também na capa do Caderno 2 de 1º de dezembro: “O livro que desmascarou a República” (assunto tratado ainda nas páginas 4 a 7, 10 a 11 e 16). Guerra, livro e autor aparecem sempre associados em 2002 e, por isso, pôr *Os sertões* em relevo significa não apenas voltar a abordar o fato histórico, mas, igualmente, a atuação do *Estadão* como responsável pelo envio de Euclides a Canudos.

No centenário de falecimento do autor do célebre livro (2009), em diversas edições do Caderno 2, o jornal novamente republica os artigos de Euclides enviados a *O Estado de S. Paulo* durante a guerra, agora com comentários de Walnice Galvão. Outras matérias sobre o tema foram publicadas nos meses de agosto e setembro (únicos meses de 2009 pesquisados no Arquivo Público), sempre no Caderno 2 – como nos dias 07/08



(p. 14), 14/08 (p. 14), 16/08 (p. 14) e 27/09 (p. 4). Na data exata dos cem anos do assassinato de Euclides (15 de agosto), lê-se a chamada na capa do Caderno principal: “Debate no ‘Estado’: o ano de Euclides. O legado de Euclides da Cunha foi discutido ontem, numa série de debates. No centro, *Os sertões*, sua obra clássica”. Na página 2, parte do editorial foi a ele dedicada: “Mataram Euclides de novo”. Ainda no Caderno principal, a página 26 traz a publicação de uma matéria sobre o tema e, no Caderno 2, as páginas 6 e 7. No dia 23 de agosto, o jornal oferece um “Caderno Especial Euclides da Cunha 360º” (com 8 páginas). Mais uma vez, a guerra, o livro e o autor são intimamente relacionados – sem esquecer do jornal, que aproveitou o momento para mais uma vez enfatizar a sua atuação nessa história.

### **Considerações Finais**

Em um dia, o acontecimento é manchete, primeira página; no dia seguinte, ele é uma suíte no meio do jornal, de importância inferior. Anos depois, pode voltar às páginas do veículo, submetido a uma nova leitura e a novos fatos. A depender da ocasião, talvez na comemoração do seu cinquentenário ou centenário, poderá ganhar ainda uma chamada na capa do caderno principal, um caderno especial todo dedicado a ele ou apenas algumas matérias do caderno cultural.

Ao abordar acontecimentos históricos como ganchos para novos fatos, o jornal permite um diferente posicionamento frente à notícia mais nova. O passado pode ser reavivado como elemento comparativo, para interferir na leitura do presente ou do futuro. Em outros momentos, quando novas descobertas dão visibilidade a ocorrências passadas, “estes conteúdos possuem carga de atualidade jornalística porque rompem o âmbito do ‘segredo’ e são revelados publicamente, mesmo que sua ocorrência esteja descolada de uma temporalidade do presente” (FRANCISCATO, 2003, 49). Logo, por meio do gancho, da rememoração ou da revelação pública, os indivíduos constroem um sentido de atualidade também quando se noticia algo relacionado ao passado.

Para Christa Berger (2005, p. 60), “A tendência de evocar o passado através de produtos culturais é significativa” e a comemoração de acontecimentos históricos, transformados em fatos jornalísticos é um “movimento verificado em muitas partes do mundo”. Segundo a autora, o trabalho de memória sempre é mediado por um narrador e tenta ser fiel ao passado e útil ao presente. “O narrador primeiro é o sujeito que testemunha o que viveu e viu, o segundo é o historiador que estuda e pesquisa para



contar o que aconteceu e o terceiro é o comemorador, aquele que propõe a celebração do passado” (BERGER, 2005, p. 60). Para o historiador, a função de lembrar é aprender e ensinar. Para os jornalistas, “mais atualizadores do passado do que comemoradores” (BERGER, 2005, p. 65), o passado é trabalhado e reapresentado como atualidade.

A Guerra de Canudos foi atualizada por *O Estado de S. Paulo* quase cem anos depois de sua intensa cobertura no fim do século XIX. Com exceção dos momentos em que o acontecimento fora brevemente lembrado em matérias de rememoração da publicação de *Os sertões* ou da morte de Euclides da Cunha, o jornal se calou sobre o acontecido e manteve tal silêncio até os anos noventa. Mesmo quando, no cinquentenário da guerra, os estudiosos e os jornalistas revisaram o conflito e, pela primeira vez, trouxeram as vozes dos vencidos para o debate, o *Estadão* nada publicou sobre o tema. Contudo, a partir de 1993 (centenário da fundação do arraial), nenhum outro momento comemorativo relacionado a Canudos passou em branco. Os centenários foram ocasiões para autocríticas, releituras do passado, alegorias do presente, indicações do futuro e, acima de tudo, oportunidades para o jornal compartilhar com o leitor um pouco da sua própria história e dos processos de funcionamento do seu campo produtivo. O uso excessivo de metalinguagem (auto-referencialidade) não foi inicialmente previsto nas nossas hipóteses – ao menos, não na proporção observada. Por isso, faremos aqui uma rápida explicação sobre o assunto.

Conforme Niklas Luhmann (2005), o jornalismo é auto-referente, assim como todos os sistemas da sociedade moderna. Ou seja, ele comunica algo distinto de si (é heterorreferencial), mas também reproduz a si mesmo na sua comunicação (é auto-referencial). O sistema dos meios de comunicação refere-se “o tempo todo ao seu próprio estado de informação para poder descobrir novidades, surpresas e com isso valores informativos” (LUHMANN, 2005, p. 33).

Segundo Fausto Neto (2009), o discurso auto-referencial produz operações enunciativas que tornam mais explícitas as referências dos seus “lugares de fala”. A modalidade auto-referencial aponta a legitimidade da natureza do trabalho jornalístico, ao explicar as intenções da sua agenda, e insere o leitor na cultura de produção jornalística. Portanto, a auto-referencialidade é um importante fenômeno de constituição da personalidade do veículo, na medida em que cumpre um importante papel na aproximação entre a mídia e sua audiência. Por isso, acreditamos que o tema Canudos torna-se fundamental na construção da identidade discursiva do *Estadão*.



Diferente do paradigma moderno do jornalismo (que apagava do discurso a atuação do enunciador e fazia parecer que o leitor tinha acesso direto ao fato), na contemporaneidade, a enunciação jornalística tem chamado muita atenção para suas operações internas. Bem verdade que, em meados do século XX, quando o jornal publicava matérias sobre Euclides ou sua obra, ele já destacava o próprio sistema de produção, mas, na atualidade a auto-referencialidade tem se tornado ainda mais evidente. Também na contemporaneidade, vimos crescer as celebrações do evento, que parecem indicar um momento mais ritualista, mais comemorativo do acontecimento histórico, pela imprensa brasileira – ainda que geralmente o passado seja noticiado para falar também do presente.

### **Referências Bibliográficas**

BARBOSA, Marialva. Mídias e usos do passado: o esquecimento e o futuro. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 12, p. 13-26, dez. 2006.

BARBOSA, Marialva. Meios de comunicação e usos do passado: temporalidade, rastros e vestígios e interfaces entre Comunicação e História. IN: RIBEIRO, Ana Paula G.; HERSCHMANN, Micael (org.). *Comunicação e história: interfaces e novas abordagens*. Rio de Janeiro: Mauad X: Globo Universidade, 2008. P. 83-96.

BENETTI, Marcia. O jornalismo como acontecimento. IN: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia P. da Silveira (orgs.). *Jornalismo e acontecimentos: mapeamentos críticos*. Florianópolis: Insular, 2010. P. 143-164.

BERGER, Christa. Proliferação da memória – a questão do reavivamento do passado na imprensa. IN: BRAGANÇA, Aníbal; MOREIRA, Sonia Virgínia (org.). *Comunicação, acontecimento e memória*. São Paulo: Intercom, 2005. P. 60-69.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Tradução Ângela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.

CONY, Carlos. *Celso Furtado revisita Euclides da Cunha*. A Tarde, Salvador, 27 jul.2001.

CUNHA, Euclides da. *Diário de uma expedição*. Organização Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões: campanha de Canudos*. Edição, prefácio, cronologia, notas e índices: Leopoldo M. Bernucci. São Paulo: Ateliê, 2002.

FAUSTO NETO, Antônio. *Panorama da pesquisa internacional sobre discurso e mídia*. Exposição oral. In: I Colóquio Internacional Discurso e Mídia – UFBA, 2009, Salvador.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. *A atualidade no jornalismo*. Bases para sua delimitação teórica. Salvador: Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas na Universidade Federal da Bahia, 2003.



HARTOG, F. Tempo, história e escrita da história: a ordem do tempo. Tradução Francisco Murati Pires. *Revista de História*, n. 148, 2003, p. 9-34.

LUHMANN, Niklas. *A realidade dos meios de comunicação*. Tradução Ciro Marcondes Filho. São Paulo: Paulus, 2005.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Teoria da notícia: as relações entre o real e o simbólico. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.). *O Jornal: da forma ao sentido*. 2. ed. Brasília: UNB, 2002, p. 305-320. (Coleção Comunicação, 2)

MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.). *O Jornal: da forma ao sentido*. 2. ed. Brasília: UNB, 2002. (Coleção Comunicação, 2)

QUÉRÉ, Louis. L'événement. IN: BEAUD, Paul et al. (dir.). *Sociologie de La Communication*. Paris Reseaux / CNET, 1997. p. 413-540.

*Rainha diz que meta do MST para o Pontal é um novo Canudos.* <http://www.estadao.com.br/arquivo/nacional/2003/not20030523p35388.htm>. Acesso em 13 jan.2011.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; BRASILIENSE, Danielle Ramos. Memória e narrativa jornalística. IN: RIBEIRO, Ana Paula G.; FERREIRA, Lucia M. A. (org.). *Mídia e memória: a produção de sentido nos meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. P. 219-236.

SÁ, Antônio Fernando de Araújo. *Filigranas da memória: história e memória nas comemorações dos centenários de Canudos (1993-1997)*. Brasília: Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em História na Universidade de Brasília, 2006.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo*. V. II. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

VILLA, Marcos Antonio. *Calasans, um depoimento para a história*. Salvador: UNEB, 1998.